

UTILIDADES ECONÔMICAS DAS ESPÉCIES DA VEGETAÇÃO RUDERAL DA VILA DE SANTO AMARO, RS, BR.. Carneiro, AM; Irgang, BE; Rapoport, EH. Curso de pós-graduação em botânica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (carneiroa@terra.com.br) Porto Alegre, RS

As plantas têm sido a fonte básica de matérias primas para o consumo humano desde os primórdios da existência do homem. O início de seu processo de domesticação data da época em que o homem era nômade e vivia de caça e coleta: os diásporos das espécies utilizadas pelo homem eram transportados, inadvertidamente, a medida que mudava de um lugar para outro e as espécies adaptavam-se, deste modo, a viver cerca de seus acampamentos. A maioria destas espécies tiveram seu uso abandonado, porém, continuaram seguindo os passos humanos e muitas tornaram-se cosmopolitas. Deste modo, um grande número de espécies que hoje são ruderais têm, ou um dia tiveram, utilidade para o homem. O objetivo deste trabalho é identificar, na vegetação ruderal da Vila de Santo Amaro, as espécies que apresentam potencial de uso econômico. Foi realizado um levantamento florístico, nas quatro estações do ano, da vegetação ruderal da Vila de Santo Amaro (29° 56' S; 51°53' W), a flora existente foi estudada, identificando-se seus usos segundo literatura especializada. Das 302 espécies registradas, 196 (64,9%) possuem registro de algum uso, enquanto que para 106 (35,1%) nenhum registro foi achado. Encontramos registro na literatura de uso medicinal para 109 espécies, alimentício para 99 , ornamental para 52, como forragem para 46, artesanal para 13, industrial para 9, inseticida para 3 e uso mágico/religioso para 2 espécies; sendo que para várias espécies foi registrado mais de um tipo de uso. Tendo em vista que quase dois terços das espécies possuem algum tipo de utilidade, e que o problema da pobreza vem aumentando em importância, seria interessante o aproveitamento de algumas destas plantas pela população, o que poderia conferir vantagens econômicas sem prejudicar ecossistemas naturais.

Trabalho financiado pelo CNPq.